

TALVEZ SEJA O FIM: A ESCRITA ÍNTIMA DE ERNESTO SABATO

Adriana Marcon (UNESP)¹

Resumo: A partir de considerações sobre a escrita íntima, com ênfase nas obras *Antes del fin* (1999) e *España en los diarios de mi vejez* (2004) do escritor argentino Ernesto Sabato (1911-2011), este artigo propõe uma reflexão acerca da prática memorialística do autor no final do seu percurso literário. Com base nas contribuições teóricas de Philippe Lejeune (2008), de Norbert Elias (2001) e de estudiosos da obra de Sabato, mostra-se como o autor elaborou essas duas obras, com o intuito de tornar públicas inquietações a respeito do mundo do qual fazia parte.

Palavras-chave: Escrita Íntima; Ernesto Sabato; *Antes del fin*; *España en los diarios de mi vejez*.

Introdução

O que significa elaborar o passado e qual seria sua finalidade? Para pensar essa proposição, deve-se considerar que a escrita íntima desde o século XVIII se colocou a serviço do *eu* (LEJEUNE, 2008, p.261), seja como espaço de confidências, porto seguro de quem almeja a restituição da paz interior e do equilíbrio social, seja como possibilidade de um agir futuro, a partir de reflexões sobre o momento presente. Qualquer que seja o tipo de escrita designada para quem escreve (caso dos diários e dos diaristas) é mais do que anotações destinadas a um “eu” centrado em si, em busca do autoconhecimento. Narrar o passado significa ir além de conflitos pessoais, trazendo à tona o testemunho de instantes de uma vida e do contexto histórico-social de que se fazia parte.

Não há uma estrutura fixa que dite as regras para aqueles que se propõem a registrar momentos de sua vida, ideias, inquietações e fragmentos cotidianos, dentre outros assuntos. A prática diarística não fixou limites temáticos e estruturais. As formas e conteúdos são livres e percorrem desde os caminhos mais simples até os mais elaborados, estilisticamente tratados. Philippe Lejeune assegura que “nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é obrigatório. É livre” (2008, p.283).

Qualquer pessoa pode escrever um diário, mas é certo de que há aspectos distintos entre aqueles diários designados à discrição e àqueles publicados. Neste último caso, o diarista registra conscientemente suas anotações, redirecionando suas intenções e recursos utilizados. Lejeune (2008) alega que revisões e correções inevitavelmente presentes nos diários publicados estragam os vestígios do instante, matéria bruta

¹ Doutoranda em Letras UNESP/Assis-SP. Bolsista CNPQ. Contato: adriana-marcon@hotmail.com.

essencial, uma vez que o diarista compromete-se com o momento da escrita e não com a verossimilhança do que é relatado.

Em contrapartida aos diários reservados, ditos “autênticos” (LEJEUNE, 2008, p.285-286), os diários escritos com a finalidade de se tornarem conhecidos têm sido recorrentes entre grandes intelectuais, principalmente nos dias de hoje, em que transformações sociais, culturais e tecnológicas levaram e levam os indivíduos à tentativa de não apenas revelar os recônditos do *eu*, mas também a natureza oculta da sociedade.

Escritor dedicado à escrita íntima, o argentino Ernesto Sabato (1911-2011) mostra em dois livros com teores autobiográficos, *Antes del fin* (1998), que, segundo o autor, é uma “especie de testamento, escrito en el período más triste de mi vida” (SABATO, 2006, p.17-18) e *España en los diarios de mi vejez* (2004), que trata das experiências do escritor durante inúmeras viagens à Espanha, relatando recordações, reflexões e anotações sobre Espanha, Argentina e sobre o seu cotidiano – sua devoção à literatura, à palavra, à escrita e às angústias de quem, já em idade avançada, está em vias de deixar esta vida.

Antes del fin é considerado um livro de “memorias-testamento” (ARGULLOL *apud* SABATO, 2004, p.189) e também “un ensayo sobre material autobiográfico, más que relato estricto” (GIMFERRER *apud* SABATO, 2004, p.194) que traz dados biográficos de seu autor. Aparentando ser uma autobiografia, nas palavras de Perre Ginferrer, talvez pelo vigoroso tom ensaístico – uma das facetas mais marcantes da personalidade literária de Sabato – essa obra expõe acontecimentos da vida do autor entrecruzados com dúvidas e inquietações sobre a sociedade atual. O objetivo principal de sua publicação, assim como posteriormente será *España en los diarios de mi vejez*, é alcançar o público jovem, desesperançado e perdido no caos contemporâneo, e os mais velhos, que já se aproximam da morte.

España en los diarios de mi vejez, último livro escrito e publicado por Sabato, é composto, ao longo de cento e oitenta páginas, de anotações, quase todas ditadas a sua esposa, Elvira González Fraga, durante viagens à Espanha, momento (final do século XX e início do XXI) que coincide com o cenário de devastação, miséria e desemprego de uma Argentina imersa em uma de suas piores crises econômicas.

Sabato afirma: “Creo haber expresado algo de lo que siente un hombre al inminente borde de la muerte”. Para ele, “El diario parece ser un escrito a mitad de camino entre la ficción y el ensayo”, o que imprime ao seu relato um sentido crítico,

principalmente no que diz respeito às questões ligadas ao seu país e as fragilidades e contradições da existência humana. Por outro lado, prevalece o desejo da confissão, de registrar o dito sem pensar e são nesses momentos de maior liberdade escritural que o autor cria um espaço inventivo, de pleno entrosamento com a palavra e com a imagem que de si pretende criar, afinal “ Siempre hay máscaras” (SABATO, 2004, p.09).

O diário encontra-se dividido em duas partes. A primeira inicia-se na página treze com entrada datada em 05/04/2002 e termina na página noventa e sete com anotações feitas no final do mês de Abril ou início do mês de Maio². O núcleo temático está pautado, principalmente, nas descrições de lugares visitados na Espanha, na rotina de suas conferências, na crise argentina e na decepção com seu país. A segunda parte inicia-se na página cento e um e se finda na cento e oitenta. As entradas, assim como na primeira parte, não estão expressas com precisão, mas pode-se inferir, a partir da leitura do diário, que a primeira entrada, “Lunes, Santos Lugares” (SABATO, 2004,p.101), ocorre em meados de Maio e a última, “Domingo, antes de partir”, em Setembro.

Sabato escreve parte considerável do segundo momento do seu diário em sua residência, em Santos Lugares, Argentina. Viaja, novamente, à Espanha em Setembro e continua com os seus registros. As páginas contempladoras dessa segunda parte ganham um semblante ensaístico e denso, tratando de temas essenciais ao homem, como a solidão, o esquecimento, a morte e a necessidade de um âmbito mítico-poético que ampare a existência do homem contemporâneo.

A proximidade com as dificuldades enfrentadas pela Argentina, proporcionam um feroz mergulhar em si, tenso e intenso, um despertar de questões referentes não apenas ao ‘eu’, como também ao coletivo. Mais sensível às situações cotidianas, Sabato escreve com carinho sobre sua Fundação que ainda não está finalizada, sobre o amor e a importância da literatura. Em uma despedida paulatina da vida, trata com pesar e lucidez da velhice e da dor ao sentir o passar do tempo.

Em contrapartida ao título, *España en los diarios de mi vejez* é mais um retrato do autor do que do país. O distanciamento da pátria, o reconhecimento e a admiração por parte de leitores e intelectuais em outro país, impulsionou em Sabato um acordar para a vida, o estabelecimento de novos propósitos que o levaram ao comprometimento com suas reflexões diarísticas.

² Algumas entradas não possuem datação completa (dia, mês, ano), o que impossibilita situá-las com exatidão.

España en los diarios de mi vejez: uma garrafa lançada ao mar

Para Lejeune o propósito essencial de se manter um diário é o de “fixar o tempo passado”, como tentativa de “apreensão diante de nosso esvanecimento futuro”. O diário está direcionado a uma leitura posterior, “transmissão a algum *alter ego* perdido no futuro, ou modesta contribuição para a memória coletiva. Garrafa lançada ao mar” (2008, p.262).

Sabato elabora o seu diário com o intuito de tornar públicas suas inquietações a respeito do mundo do qual fazia parte. Trata de questões não somente literárias, mas prioritariamente de questões políticas, econômicas, sociais e existenciais. Dada a projeção do *eu* à posteridade, *España en los diarios de mi vejez* registra fatos passados, memórias, projetados num horizonte futuro. Certamente, é um vestígio contra o esquecimento da figura do autor, sobretudo um testamento intelectual para que não se percam os valores de vida e os valores artísticos quando o escritor já não estiver mais nesse mundo.

Como transformar a intimidade num campo de resguardo onde se restabelecem as energias e se buscam forças? A escrita diarística pode ser uma aliada na resistência em situações de crise, trazendo coragem e apoio ao autor e aos leitores. Não é um instrumento de passividade frente à realidade, como mostra o diário de Sabato, mas uma ação voltada para o porvir. Nas palavras de Lejeune,

Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã. Há em mim debate e diálogo: passo a palavra às diferentes vozes do meu “foro íntimo”. Essas discussões podem se repetir, levar a uma decisão ou, ao contrário, estimular a hesitação. Mas escrever força a formular os desafios e os argumentos, deixando vestígios que poderão ser repensados. (2008, p.263).

No compartilhar da sua escrita íntima não há apenas um conflito essencial, mas vários que frequentemente são evocados pelo diarista que se dirige aos leitores abertamente, na tentativa de encorajá-los a repensar sobre inúmeros assuntos. Neste sentido, Sabato tinha uma fé inabalável nos jovens, como a esperança de uma contribuição efetiva para a humanização e para o estabelecimento de certa ordem no caos contemporâneo. O diário é iniciado com a seguinte dedicatória: “ A los chicos y jóvenes que diariamente van a los ‘fogones³’ de nuestra fundación en busca de alimento,

³ *Los Fogones* é um projeto da Fundação Ernesto Sabato destinado às crianças que sofrem por falta de alimento, de uma educação adequada e de um horizonte cultural que os instigue a expandir suas possibilidades; e aos jovens, para que encontrem no trabalho social uma alternativa ética frente à falta de trabalho e à falta de esperança. (Disponível em: www.fundacionernestosabato.org. Acesso em: 27 jan. 2017).

de libros, de una esperanza, con mi fe en ellos, y mi compromiso” (SABATO, 2004, p.08). Compromisso cumprido até o seu fim, e talvez, para além dele.

Desde jovem, Sabato nunca suportou a injustiça social. Foi militante ativo do movimento de reforma universitária e da juventude comunista. Junto com tal engajamento, dedicou-se à área científica. Em 1938, doutorou-se em Física pela *Universidad Nacional de La Plata* e em seguida lhe foi concedida uma bolsa anual para realizar pesquisas sobre radiação atômica no Laboratório *Curie*, em Paris. Em 1939, segue a carreira de Físico nos Estados Unidos, no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Em 1940, regressa à Argentina para ser professor na *Universidad de Buenos Aires*.

Tomado por uma crise existencial que persistia desde a estadia na França - conflito que o deixava no limiar entre a ciência e a arte, entre a física, a literatura e artes plásticas -, Sabato decide abdicar da física e de todos os méritos conquistados no campo científico para se dedicar às artes. Desse seu tumulto interior nasceu seu primeiro livro, *Uno y el Universo* (1945), resultante de um profundo autoquestionamento sobre sua angustiada e difícil decisão e “de la nostálgica despedida del universo purísimo” (SABATO, 2006, p.68). Sabato declara-se:

Extraviado en un mundo en decomposición, entre restos de ideologías en bancarrota, la escritura ha sido para mi el medio fundamental, el más absoluto y poderoso que me permitió expresar el caos en que me debatía; y así pude liberar no sólo mis ideas, sino, sobre todo, mis obsesiones más recónditas e inexplicables (2006, p.71).

Após tal decisão catártica, Sabato continua comprometido com a militância política e com a literatura. Unindo esses dois pólos, compromisso social e arte, o escritor vai conquistando seu espaço nos terrenos literários. Seus ensaios, ficções e testemunhos ganham dimensão, trazendo ao autor reconhecimento, além de começarem a cumprir o seu destino: propagar suas idéias para que elas ajudem as pessoas a viver. A consciência disso rejuvenesce Sabato, impulsionando-o à vida.

Estoy en verdad más joven que hace años; si uno no registrara las fechas ni contabilizara los días y los meses, nuestra vida pasaría por épocas de envejecimiento y momentos de increíble lozanía. Nuestra edad no seguiría una línea progresiva sino que oscilaría como los vientos y las estaciones [...]. Ha sido inmenso comprobar que mi obra merece palabras de admiración de grandes escritores, y que ayuda a la gente a vivir. (SABATO, 2004, p.42-43).

Nesse ponto encerra-se assunto já mencionado, a preocupação e o sentimento de proximidade em relação aos jovens. Isso acontece, talvez, porque Sabato jamais

conseguiu se instalar em alguma época. Suas inquietações e questionamentos são atemporais, dizem respeito apenas ao homem e ao seu ajustamento com a realidade que habita.

Pienso que los chicos me querrán porque nunca dejé de luchar, porque no conseguí instalarme en ninguna época, y hoy, trastabillando, me siento cerca de la gente que aprendió a vivir de otra manera. Y muy cerca de los jóvenes que después de este horror de mediocridad, indecencia y ferocidad, puján por nacer a otra cultura que vuelva a echar raíces en suelo más humano”. (SABATO, 2004, p.129).

“En los jóvenes veo la reserva de esperanza. Vienen a mí con sus esperanzas. Viejo, yo veo que pocas de mis esperanzas se han cumplido, qué lejos está el mundo de lo que deseé, imaginé, y por el que luché”. (SABATO, 2004, p.139). Em *Antes del fin*, Sabato também demonstra sua confiança e expectativas nas gerações futuras. Em meio ao niilismo realista e do vislumbre de outra realidade, talvez utópica, Sabato confessa que muito esperou e que de longe contemplou a expectativa de ver seus desejos, principalmente os ideológicos, realizados. Sua experiência de vida o ensinou que o verdadeiro valor está em não deixar de sonhar. A realização ou não jamais possuirá a inestimável valia do querer e do acreditar. Foi essa esperança que muitas vezes não o deixou desistir, instigando-o a manter vivos seus ideais, mesmo que eles não passem de precários restos de madeira lançados ao mar após o naufrágio, ou de folhas avulsas entregues ao acaso. Sobre *Antes del fin*, diz:

Y entonces continuó este testimonio, o epílogo, o testamento espiritual, de la manera que quieran nombrarlo, dedicado a esos muchachos y chicas desorientados, que se acercan en ocasiones tímidamente y, en otras, como los que buscan una tabla en el mar, después de un naufrágio. Porque creo que tan sólo eso puedo ofrecerles: precarios restos de madera.(SABATO, 2006, p.155).

Assim como a fé nos jovens, o projeto de uma Fundação (Fundação Ernesto Sabato), que propagasse valores que engrandecem a humanidade, levando cultura e dignidade aos jovens ajudou Sabato, em diversas situações, a despistar o cansaço da velhice. Tais momentos foram relatados em *Antes del fin* e em *España en los diarios de mi vejez* com a mesma importância, comprometimento e carinho. Em trecho de seu diário diz, num quase apelo aos seus leitores:

La Fundación que lleva mi nombre fue aprobada ayer por la Inspección de Justicia. Quiero poner todo el ánimo que me quede de vida para llevarla adelante, y quiero que cuando yo no esté sigan ustedes trabajando en ella y la conviertan en uno de los mojones en la historia de la reconstrucción de nuestro país. (SABATO, 2004, p.115).

Junto à concretização da sua Fundação, continua lutando para que não morra consigo a convicção de que o homem é a chave mestra para converter, novamente, o mundo num espaço de humanidade. Num tom de súplica e desabafo, Sabato ora oscila entre o desespero e a lucidez, entre a descrença e a esperança. Para ele, os valores do espírito são os únicos que podem salvar a humanidade de um grande terremoto, sendo que “La esperanza, el ideal, es como um horizonte. La vida siempre termina antes, pero lo que hemos recorrido ha sido un trayecto hacia un horizonte o hacia outro”. (SABATO, 2004, p.140).

Logo, segundo Sabato, aspirar por horizontes perante abismos, ter metas mesmo que não sejam cumpridas, lançar-se, nas palavras de Lejeune, como uma garrafa jogada ao mar nas incertezas da vida é algo que refina e modifica a alma. Os trajetos percorridos entre um caminho ou outro é o reflexo da existência humana e de sua capacidade de seguir, resistir, perder e continuar.

Na chegada do crepúsculo: envelhecer e morrer

A metáfora mais bonita que conheço para a velhice é o crepúsculo, o pôr do sol. O crepúsculo é lindo. Faz pensar. No crepúsculo tomamos consciência da rapidez do tempo. As cores rapidamente passam do azul para o verde, para o amarelo, para o abóbora, para o vermelho, para o roxo, para o negro... No crepúsculo sentimos o tempo fluir rapidamente. Por isso muitas pessoas têm medo dele.

Rubem Alves. *Ostra feliz não faz pérola*.

A velhice tem a sua beleza. Tal é a mensagem de Rubem Alves (2014) na epígrafe acima. Relacionando metaforicamente a morte com o crepúsculo, ele traz à tona a passagem do tempo e o encantamento do anoitecer/morrer tranqüilo, silencioso e muitas vezes solitário. O silêncio talvez seja a palavra mais significativa sobre a morte, já que conforme Alves, “a grande tristeza da velhice é a solidão” (2014, p.252), tema também tratado por Norbert Elias (2001) em *A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e Morrer”*, livro em que se discute a relação das pessoas com os velhos e moribundos, especialmente nas sociedades mais desenvolvidas onde o processo de morrer está isolado da vida social numa medida maior do que antigamente.

Elias defende a idéia de que o homem deve encarar a morte como um fato da nossa existência, “A morte é um problema dos vivos” (2001, p.10), sendo que não é ela, mas o conhecimento da finitude humana, que cria tormentos para os vivos. O autor diz que nos dias atuais há um recalçamento da morte no plano social e no plano individual, o que se reflete tanto na relutância dos adultos diante da familiarização das crianças com

os fatos do envelhecer e morrer, quanto na ‘não consciência’ dos jovens sobre o envelhecimento.

Além disso, para Elias (2001), o impulso civilizador contribuiu e ainda contribui para a incapacidade das pessoas proporcionarem aos moribundos ajuda e afeição. Este é um dos problemas de uma época em que a morte é mais asséptica, sendo empurrada cada vez mais para os bastidores da vida social, ao passo que anteriormente, na Idade Média, era um tema tratado abertamente, pois as pessoas morriam em casa junto dos seus familiares e das pessoas com quem possuíam vínculos afetivos. Envelhecer e morrer eram questões de ordem pública, entretanto nas sociedades desenvolvidas, há um paradoxo entre a vida sociável e a morte solitária. A ênfase de que se morre em isolamento equivale à ênfase do sentimento de que se vive só.

Paralelo ao esquecimento social, no envelhecimento inicia-se um processo natural de decomposição física, o que implica dificuldades para executar ações ‘normais’ cotidianas e no esvanecimento da memória. Além da questão sociológica sobre o ato de morrer, que deve ser tratada com maior recorrência entre especialistas, como os médicos, mas também dentro de casa e até mesmos nas escolas, conforme sugere Alves (2014, p.274), há essa morte mais visível, a morte física, que, talvez por ser um lembrança da transitoriedade e do fim da existência humana, causa mais preocupação e desconforto.

Ernesto Sabato em seu diário lida com naturalidade e serenidade - pelo menos é essa a sensação que passa aos leitores - com a degradação do seu físico que o impede de caminhar sem o auxílio de alguém; que em muitas ocasiões o faz desistir de escrever e ditar parte considerável da escrita do seu diário a sua esposa Elvira, a qual também lê livros para ele; das falhas de sua memória e da vergonha sentida por esses equívocos; e do desgaste que sente devido às viagens, às conferências e premiações, levando-o a afirmar que “ Por momentos el viaje me cansa, quiero estar tranquilo em mi casa, que es como decir en mi cueva”. (SABATO, 2004, p.85).

“Estoy alejándome de la vida. De esta vida. La miro con emoción como si ya estuviera fuera de mí” (SABATO, 2004, p.101). Há determinado momento na vida em que é preciso perder a esperança, a luta cessa e vem então a paz. É admirável a lucidez de Sabato sobre a limitação da capacidade do ser humano em relação ao universo natural e a ciência do fim próximo. Provavelmente essa sabedoria é resultante da sua experiência de vida, que é de certa forma uma experiência de morte. Sobre vida e morte Alves escreve:

Somente aqueles que se tornam discípulos da morte sentem a doçura da vida. Quem não é discípulo da morte fica sempre achando que ainda há muito tempo e, com isso, não se dá conta dos morangos que há à beira do abismo. Ele pensa que há um lugar onde se chegar. Não há. Todos os caminhos levam ao mesmo fim. Na vida só há o caminho... (2014, p.265).

Diante do abismo, Sabato não apenas ‘degustou morangos’, mas vislumbrou horizontes. Isso só porque tinha clareza sobre o que requer a morte: “el conocimiento último” (SABATO, 2004, p.30) do homem e a sensibilidade do poeta. Neste momento final, é fundamental a crença na existência humana e um aprofundamento interior marcado por paixões, desejos, aflições, medos e, finalmente, a saudosa comunhão desses sentimentos que restauram a alma, depois de tanta solidão vivida ou pressentida.

Num desprender-se gradual da vida, Sabato já não busca temas complexos para serem discutidos, mas se atém a situações cotidianas, como o desfrutar de um café ou de uma taça de vinho, um passeio, uma visita à sua biblioteca. Nota-se uma susceptibilidade maior para fatos cotidianos, sem importância. Em suas palavras, na velhice se sente mais, se agradece mais e é isso que o faz sentir-se mais próximo ao anônimo, aos leitores que mais tarde possuirão suas notas diarísticas. Em *España en los diarios de mi vejez*, diz:

Los periodistas quieren entrevistas; pocos se dan cuenta de que ya tengo demasiados años para seguir trabajando todos los días. ¿Qué les podría decir que no haya dicho ya? No, ahora prefiero esto, día-a-día, o gota a gota, a cuentagotas, dejar estas huellas, estas palabras que me van saliendo.”(2004, p.117).

Como uma espécie de inventário dos dias de agora, Sabato simplesmente registra o dia-a-dia, sem hierarquizar ou organizar fatos, fixando, apenas, a passagem do tempo. É com melancolia que se dá essa constatação: ao perceber no almoço com um casal de amigos, Annie Morvan e Juan Carlos Mondragón⁴, que ninguém era mais o mesmo, que o tempo os havia corrompido e que essa era, talvez, a última despedida. Ao olhar os livros na prateleira e saber com pesar quantos livros que ele nunca voltará a abrir.

Siento el tiempo con dolor. Cuando me encuentro con alguien siento al despedirme una exaregada melancolía. También ante los paisajes [...] Y ya no escribo por horas como antes. Hay días que sí, pero otros, apenas dejo unas palabras escritas y después voy dictando. ¿Para qué seguir? (SABATO, 2004, p.132-133).

⁴ Escritor uruguaio.

Qual é o horizonte de um velho? E, para que seguir vivendo, lutando, escrevendo? Essa resposta ele não a tem com exatidão, mas sente-se obcecado pelo utópico, o único por que vale a pena escrever. Em *Antes del fin*, sente-se não como se estivesse morrendo, mas humanizando-se, que segundo Sabato é uma das conseqüências do sofrimento. Nessas memórias que, como o diário, também foram escritas sem premeditação, escreve o que lhe sai da alma: preocupações com o mundo atual e a tristeza dos anos finais.

A fé utópica na juventude, o projeto de sua Fundação e a companhia/parceria de Elvira lançam Sabato à vida e, nos entremeios de uma visão dualista do mundo, ora tende à esperança, um novo começo para a humanidade, ora para o obscuro e apocalíptico, vai exercitando o compromisso com a sociedade e com seus ideais por intermédio de sua literatura. Entre verdades diurnas e noturnas, fica evidente em seu diário, e também em outras obras de sua autoria, a complexidade de um homem pessimista (não totalmente) que encara o mundo com a meticulosidade do olhar científico e com a comoção do poeta. Essas duas faces se justapõem no homem e intelectual, capaz de mergulhar nos subsolos do mundo e nas profundezas do ser humano com o rigor de uma razão que deixa a sua escrita com tudo o que há de mais eficaz e mais belo. Rafael Argullol diz:

Y continuamente reflejada en Sabato una suerte de doble alma, diurna, nocturna, por un lado es un mundo alucinado, un mundo de delirio, un mundo apocalíptico, pero también es un mundo de razón, es un mundo de luz, es un mundo de utopia. (*apud* SABATO, 2004, p.187).

Essa postura dicotômica, diurna e noturna, científica e sublime, juntamente com o seu feroz senso indagador, contribui para que Sabato encare a morte como um mistério inefável, como o desconhecido que não lhe amedronta, mas que lhe dá tristeza por não poder seguir com as pessoas que ama. Em *Antes del fin*, metaforicamente relaciona a morte com o seu romance *El túnel*, que chega “con ventanales y túneles paralelos, donde todo es infinitamente imposible” (SABATO, 2006, p.134); ou como o conhecido trecho da vela escrito por José Saramago e transcrito por Sabato em seu diário:

[...] una vez más ante el archiconocido fenómeno de la vela que al extinguirse levanta una luz más alta e insoportablemente brillante, insoportable por ser la última no porque la rechacen nuestros ojos, que bien querrían seguir absortos en ella. (2004, p.166).

Sabato é como essa chama insustentável que, no seu luzir final, deixou em *España en los diarios de mi vejez* um testemunho de que arte e literatura são redutos de salvação de si e do mundo. Além disso, Sabato reivindica o que está fazendo e este fazer permanece em sua obra. É um enfretamento entre ele e o mundo, uma constante necessidade de compreender o homem e de inquietá-lo.

Considerações finais

Os leitores da narrativa íntima de Ernesto Sabato se deparam com anotações de um escritor fiel ao seu estilo, às suas obsessões e à sua situação pessoal. Seu diário, *España en los diarios de mi vejez*, assim como *Antes del fin*, livro de memórias, são, de certo modo, a continuação, por caminhos distintos, da busca pela condição humana que aparecia em seus romances e ensaios.

Entre pinceladas da infância, anedotas, leituras e reflexões sobre a criação literária, a velhice e o esquecimento, a marginalização do homem e a injustiça, ambas as obras constituem um retrato veraz e fragmentado do escritor. Fragmentado porque é impossível apreender a totalidade de um ser e transpô-la numa folha de papel, além de Sabato ser um escritor profissional que, provavelmente, construiu um perfil arquitetado de si para ser lembrado após sua morte.

Por possuir uma escrita simples, não no sentido de empobrecimento estilístico, mas por ser uma narrativa direta e fluída, com relatos condizentes aos problemas e às perturbações que afligem o homem, Sabato aproxima-se de seus leitores, permitindo-lhes viajar em sua companhia, compartilhando textos íntimos de grande dignidade moral e de literatura como arte suprema, que vislumbra um mundo em decomposição.

Para Fanny Rubio (*apud* SABATO, 2004, p. 202-206), a literatura de Sabato não é um passatempo, nem uma fuga. É uma forma de examinar a condição humana. Argullol diz que sua obra é um estímulo de luz em meio à escuridão: “El fuego mismo de los dioses, día y noche, nos empuja a seguir hacia adelante. Ven, miremos los espacios abiertos, busquemos lo que nos pertenece por lejano que esto este” (*apud* SABATO, 2004, p.189-190). Isso parece resumir muito bem o legado literário de Ernesto Sabato.

Rubem Alves afirma que “a morte é o acorde final dessa sonata que é a vida. Toda sonata tem de terminar.” (2014, p.274). Ciente disso, Ernesto Sabato, com suas memórias e seu diário, alcançou um distanciamento ilusório do seu próprio fim. O receio de que não haveria no mundo vestígios de sua existência, de seus desejos e ideais

o assombrava e o impulsionava a escrever. Os leitores herdaram, dentre outros, seus textos íntimos que, aliados à expressividade, ao sentimento e à lucidez ética, se converteram em testamentos de alto valor intelectual.

Referências bibliográficas:

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. 2^a.ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FERNANDES, Fernanda Buzzon. *O autor segundo ele mesmo: a escrita de si em Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015, 137f.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização: Jovita Maria Gergeim Noronha. Tradução: Jovita Maria Gergeim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NORBERT, Elias. *A solidão dos moribundos, seguido de, “Envelhecer e morrer”*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SABATO, Ernesto. *Antes del fin*. 1^a.ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

_____. *España en los diarios de mi vejez*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 2004.